

HISTORIA JOCOSA

DOS TRES

**CORCOVADOS**

DE SETUVAL

LUCRECIO, FLAVIO, E JULIANO.

*Onde se descreve a equivocação graciosa de suas vidas.*

ESCRITA

POR HUM CURIOSO LISBONENSE.



LISBOA : 1842.

NA IMPRESSÃO DE GALHARDO E IRMÃOS,  
Rua da Procissão n.º 45.

HISTORIA JOSEFA

DOS ANOS

CONCORDIA

DE BATAVIA

RICHELIEU, BATAVO, E JULIANO

Este es el primer y quinientos y noventa y tres de la

ESCRITA

FOR NUM CINCO LIBRERIA

LIBRERIA

DE BATAVIA

## HISTORIA JOCOSA.

**P**elos annos 461 depois do Nascimento de Christo Senhor nosso, reinando não sómente em Portugal, mas em quasi toda a Hespanha o severo Riciario, Rei dos mais Catholicos daquelles tempos: vivia na Villa de Setuval Aurencio, que no exercicio de Sarralheiro ganhava com muito trabalho o sustento da sua familia. De treze filhos, que houve em huma só mulher, lhe morrerão dez em hum anno, ficando-lhe tres de figura tão notavel, que toda a gente que os via ficava suspensa. Erão Corcovados por diante, e por detraz; tortos do olho esquerdo, coxos do pé direito, e tão parecidos na cara, e talhe do corpo, que seus pais os não distinguião.

Chamava-se o mais velho Juliano, o segundo Flavio, e o mais pequeno Lucrecio. Sempre que estes tres Corcovados trabalhavão na tenda de seu pai, servião de escarneo, e davão motivo de rizo a quantos rapazes lhe passavão pela porta, e por isso fazia grandes ajuntamentos defronte della.

Hum dia chegando huns poucos de Estudantes á sua loja, lhes derão grandes rizadas, e fizeram algumas acções com palavras costumadas na gente de poucos annos, em tal forma, que Lucrecio, (que trabalhava em uma folha de espada) suffocado de colera, se lançou atraz dos ditos Estudantes, e alcançando hum delles o ferio gravemente; e vendo que vinhão algumas pessoas apaixonadas pelos Estudantes, se retirou para casa, e fechou a porta.

Como o ferido era filho de hum homem rico, e poderoso daquella terra, veio logo a Justiça, e cercou a casa de Aurencio. Chegou o Ministro, e depois de se arrombarem as portas, que recusavão abrir, entrou dentro, e perguntou aos que tinham visto a pendencia, qual dos tres Corcovados tinha sido o assassino? Ninguem pode discernir qual tinha sido, porque olhar

para todos tres, era o mesmo, que para cada hum em particular. O Ministro perguntou a Juliano, o qual assegurou não ser, o que tinha ferido aquelle mancebo, e que não podia dizer com certeza, se era Flavio, ou Lucrecio. O mesmo disse Flavio; e Lucrecio vendo-se fóra do perigo teve o arrojo de negar, que houvesse tido parte na acção.

Estas respostas embaração de tal forma o Ministro, que lhe não occorria, o que havia de obrar, pois não sendo mais que hum culpado, lhe parecião tres, e nenhum confessava ser author do delicto. Depois de algumas reflexões, que fez, mandou meter os tres Corcovados na cadêa, em quanto dava parte a El-Rei de caso tão singular. Passados alguns dias, forão conduzidos os tres Corcovados á presença da Magestade, a qual em varias perguntas, que lhe fez, não pôde averiguar a verdade; por cuja causa mandou, que a cada hum se dessem cem açoutes. Começarão por Flavio, depois por Juliano, e certamente ambos ignorantes se Lucrecio era o delinquente, (tanta era a similitude entre elles) soffrerão todos tres os rigorosos açoutes, que lhes derão; porém El-Rei não pode saber a verdade; e não querendo castigar de morte, sendo sómente hum o culpado, determinou, que todos tres fossem desterrados daquelle Cidade para sempre.

Virão-se os tres Corcovados com grandes queixas entre si, e enfadados; porém como lhes foi necessario dar execução á sentença, que tiverão, sahirão da Patria, e depois de terem assentado todos tres o que haviam de fazer, Juliano, e Flavio forão de opinião, que não devião separar-se, mas Lucrecio era de dictame, que a qualquer lugar onde fossem em quanto estivessem juntos, cahirião sempre no mesmo inconveniente servindo de rizo ao povo, e causando sublevação aos rapazes, e que separados não davão tanta admiração. Esta razão prevaleceo sobre o dictame dos outros dous. Apartarão-se com grandes lagrimas, e tomando todos tres caminho differente, e para diversas partes. Lucre-

cio depois de passar por varias terras da Lusitania chegou a Santarem. Aqui viveo alguns dias sustentando-se das esmolas que pedia a seus moradores, e vendo, que nesta Cidade havia hum Cutileiro de boa fama, se foi a sua casa, e lhe pedio com muita submissão, lhe desse que fazer, pois lhe promettia o havia de agradar a sua obra porque sabia hum segredo mui particular para temperar o ferro. O Cutileiro por experimentar se o Corcovado era tão habil como dizia, o recebeo para sua casa; e depois conhecendo, que não só o ferro que elle trabalhava, senão que a sua obra era mais delicada, e com mais graça: por cujo motivo lhe accrescentou o jornal, e o tratou bem, para o conservar. A obra de Lucrecio adquirio tantos freguezes a seu mestre, que senão fosse gastador, faria huma fortuna mui consideravel: apenas havia dous annos que Lucrecio se achava em Santarem, quando o mestre cahio perigosamente enfermo de huma grande desordem, que tinha feito, seu corpo estava tão mal tratado de vinho que todo o cuidado da mulher e do Corcovado não puderão isentá-lo da morte, que a poucos dias da doença alcançou.

Este successo foi occasião favoravel para Lucrecio declarar á viuva a paixão, que tinha, e sem tropessar em cousa alguma, lhe expoz o intento com que estava para a receber por esposa. Ella não se espantou muito porque considerando, que se Lucrecio a deixava, não teria a sua tenda a mesma concorrência de compradores. Este, e outros fundamentos a determinarão a prometter-lhe de casar com elle, logo que pudesse fazello, sem reparo dos parentes de seu defunto esposo. Em fim dentro de poucos tempos se executou o contrato, depois do que, não se contentando Lucrecio só com o officio de Cutileiro, em que fez consideraveis lucros, tambem começou a comprar, e vender Azeites, Vinhos, e outras muitas cousas, em que accrescentou os seus bens.

Os creditos que este Corcovado tinha nos lugares circumvisinhos, chegarão aos ouvidos de seus irmãos, os quaes depois de passarem oito annos com extrema necessidade, e miseria se encontrarão ambos em Thomar. Souberão com grande gosto a ventura e estado de Lucrecio, e parecendo-lhes que os ajudaria determinarão ir visita-lo a Santarem, onde tanto que chegarão lhe mandarão aviso por huma mulher que por caridade os tinha recebido em sua casa. Chegou Lucrecio, mas vendo que erão seus irmãos Flavio e Juliano lhe sobreveio huma grande paixão, e lhes disse com bastante enfado: Não vos lembrais já do que nos succedeo em Setuval? Ainda quereis que sirva de fazer ir a gente desta terra? Pois eu vos protesto mandar dar-vos muita pancada, se tivesses o atrevimento de chegares á minha porta, e não saihes logo desta terra. Juliano, e Flavio ficarão assombrados do rigor não esperado, com que seu irmão os recebêra; e supposto, que lhe representárão a sua miseria e necessidade com muita submissão não quiz Lucrecio compadecer-se delles, e por muitas lagrimas que lhes vio e rogos que lhes fizerão, lhe deo vinte peças de ouro, com o pretexto que erão para gastos da jornada, e que partissem logo.

Veio depois disto Lucrecio para casa, porém a mulher conhecendo-lhe no aspecto alguma alteração, lhe perguntou com suavidade a causa daquelle symptoma, respondeo Lucrecio, que todo procedia da chegada de dous irmãos, que tinha; e porque temia em Santarem as mesmas galhofas, que experimentára em Setuval, por isso os privára da casa, e os obrigára a sahir da terra para fóra. Ouvindo a mulher a aspereza das palavras, com que tratou seus irmãos, lhe disse, que não obrára bem; pois vindo elles tão necessitados do seu favor, como os não recebera com carinhos, e não como lhe contára, e já que Deos lhe tinha dado bens da fortuna, tinha obrigação de favorecer os necessitados, e muito mais sendo elles seus irmãos. A paixão de Lucrecio se augmentou de sorte, que disse: Eu co-

nheço, mulher, que terás gosto de hospeda-los aqui, tanto que partir para Thomar; porém adverte, que se isso fizeres, te ha de custar a vida. A isto lhe não respondeo palavra, antes lhe prometteo (pelo máo genio, que tinha o marido) que tudo havia de fazer, como elle determinava, e que nem della esperasse outra cousa. Estas promessas não socegáráo de todo a Lucrecio, porque passou toda a noite sem dormir, e pela manhã muito cedo se foi a casa da patrona dos irmãos, onde soube com grande gosto, que havia pouco tempo, que elles tinham sahido fóra, com intento de não tornarem mais áquella Cidade.

Juliano, e Flavio sahindo de Santarem com a resolução de procurar fortuna por outras terras, cahio aos tres dias de jornada Flavio gravemente enfermo; e gastando logo o que seu irmão Lucrecio lhes tinha dado, se acharão na mesma miseria, sem tẽr que gastar: vacilantes com falta dos remedios para a saude; e com a prohibição do Corcovado seu irmão, de não tornarem mais a Santarem, como se vião precisados do sustento, voltarão a casa da sua patrona, a quem pedirão, dissesse a seu irmão segunda vez, tivesse compaixão do miseravel estado, em que se vião, ou que lhes fosse valia para aceitar no Hospital daquella terra, e serem curados das queixas, que padecião.

Foi a mulher a casa de Lucrecio, e sabendo que havia alguns dias, que tinha sahido a huma jornada, veio logo a dar noticia aos dous Corcovados, a quem a necessidade apertava tanto, que sem mais consideração logo forão a casa da cunhada; a qual compadecida de suas lagrimas, e miserias, os recebeu benignamente trazendo-lhes logo bastante comer, com que saciarão a grande fome, com que estavam, que era a doença, que padecião. Apenas tinham Juliano, e Flavio acabado de comer, quando com grande furia baterão na porta da rua. A voz do Corcovado Lucrecio se ouviu, o que causou grande susto á mulher, e seus irmãos com medo se fizerão mais pálicos que a morte.

Ella, que não sabia aonde os escondesse para livrallos da colera do marido, determinou occultallos em huma pequena cova, que das casas servia de carvoeira. Impaciente Lucrecio com a demóra, repetio grandes pancadas, até que se lhe abrio: e suspeitando, que sua mulher tinha dentro algum Gallan, lhe deo muita pancada, e logo entrou a procurar as casas com particular cuidado; porém não lhe lembrou procurar na carvoeira; e como não achou ninguem, se deitou na cama, onde esteve até o outro dia quasi á noite, que então sahio para fóra. Tanto que a mulher vio a Lucrecio fóra de casa, se foi promptamente ao lugar, aonde tinha escondido os cunhados, e vendo-os quasi sem sentidos (pelos ter cobertos com humas esteiras) ficou assustada. Augmentou-se mais o seu embaraço, não lhe occurrendo, o que faria daquelles córpos; porém fechando a porta, sahio fóra a chamar hum mariola, disse-lhe: Que hum pequeno Corcovado, que viera a sua tenda comprar ferragem, tinha repentinamente cahido morto com hum accidente; e porque temia algum trabalho com a Justiça, lhe promettia seis escudos, se metendo-o em hum sacco o fosse lançar no Tejo. Aceitou o mariola o contrato, e metendo a Juliano no sacco o poz ás costas, e caminhou para o rio; á sua margem, abrio o sacco, lançou ao Corcovado no meio da sua corrente.

Veio depois o marido á casa da cutileira, para que lhe desse o ajustado: e lhe disse rindo: Já senhora, o Corcovado serve de pasto dos peixes, agora dai-me o que me prometestes. Virou a mulher para dentro com o pretexto de lhe querer pagar, e recuando fingio hum grande medo, e quasi hum desmaio. O mariola admirado a gosteue nos braços, e lhe perguntou, que tinha? Ai! (lhe disse ella.) Entrai nessa casa, e vereis o motivo do meu susto. Entrou, e ficou pasmado, vendo o mesmo individuo, que lhe parecia ter lançado no rio: quanto mais olhava para elle mais se admirava, e dizia á mulher: eu senhora estou certo, que lancei este infeliz Corcovado no Tejo, mas não posso alcançar, de que

fôrma veio outra vez aqui parar! Mas vá outra vez ao sacco, e veremos se torna. Pegou nelle, (que era Flavio), e metendo-o no sacco, se foi ao Tejo, e o lançou em um alto pégo. Vindo já o mariola muito contente para casa da mulher, quando virando a esquina de huma rua, vio vir um homem, que trazia na mão uma lanterna, e chegando-se mais perto delle, pensou de morrer com medo quando vio Lucrecio, que vinha para sua casa, e imaginando ser o mesmo, que tinha lançado no rio, pela qual siminhança de todos tres, o seguiu alguns passos, porém vendo que tomava o caminho da casa da cutileira, donde o tinha trazido duas vezes, pegou nelle com grande furia, e lhe disse: vossê seu Carcunda, quer fazer zombaria de mim, supponho que gosta de andar ás minhas costas, pois eu lhe protesto, que não escapa da terceira. Pegou nelle violentamente, e lhe lançou o sacco sobre a cabeça, e metendo-o dentro, sem attender aos gritos, que dava o miseravel Lucrecio, lhe atou a boca com um cordel; e correndo depressa ao rio o lançou nelle com sacco, e tudo. Allí esteve algum espaço de tempo observando se sahia outra vez o Corcovado; depois veio, á casa da mulher a pedir-lhe o frete do trabalho, que tinha tido, e lhe disse: não temas, que o maldito Corcovado torne cá outra vez; porque depois de o lançar duas vezes no Tejo, o encontrei terceira; porém, ainda que perdi o meu sacco, não se me dá disso, só porque elle não appareça mais.

A cutileira surprehendida deste discurso, pedio ao mariola se explicasse melhor, o qual respondeo nesta forma: Eu, senhora minha ama, tendo lançado ao Corcovado duas vezes no rio, vinha pela calçada de Atarmar, quando torno a encontrar o maldito do Burreco com uma lanterna na mão; foi tal a colera, que me deu, que agarrando nelle por força o metti no sacco, e lhe atei a boca com um cordel, e o calmei terceira vez no rio assim mesmo atado dentro do sacco. A mulher ficou quasi morta com esta noticia. Ah desgraçado? (lhe disse ella) Que fizestes? Afogas a meu mari-

do, e pedes recompensa de um homicidio? Eu me vou queixar ao Juiz, para que castigue o teu delicto. Não se assustou o mariola destes ameaços, parecendo-lhe ser idéa para lhe não pagar, o que com elle tinha ajustado. Basta de galhofa (lhe disse elle) venha o frete que assás bem me tem custado, andar com o Corcunda ás costas toda esta noite. Não quiz pagar-lhe a mulher, mas o mariola com grande enfado lhe disse, juro a Dios, que se me num paga o frete hade ir no sacco fazer companhia ao Corcovado. E lançando-lhe as mãos aos cabellos a quiz meter no sacco, e o não fez, porque a mulher com os grandes gritos, que deu amotinou a vizinhança que logo acudio a vêr, o que aquillo era.

Com medo da gente se foi o mariola corrido de ser enganado pela cutileira: hindo caminhando para a sua pousada encontrou tres homens cada hum com seu fardo ás costas. Disse hum delles ao mariola: Onde vais a estas horas? Que lhe importa a vossê para onde eu vou? Respondeo mui enfadado. Replicou hum dos tres homens: Toma este fardo, e anda diante de mim. Não queria o mariola: porém vendo huma espada nua diante de si não teve outro remedio senão pegar no fardo e caminhar na companhia delles, dos quaes hum era pescador, e outro escravo. Chegarão a hum nobre Palacio, e entrando dentro delle em huma boa sala, que estava muito alumiada puzerão os taes fardos. Ficou o mariola pasmado vendo os mesmos tres Corcovados que havia poucas horas tinha acabado de lançar no Tejo. Foi tal o medo, que concebeo, que cahia no chão com hum grande accidente. Ninguem o pôde persuadir que aquelle caso não podia succeder sem arte magica; mas depois que socegou do susto, disse com grandes rizadas: Senhores eu devia de nascer com a sina de trazer sempre estes Corcundas ás costas! Esta he a quarta vez que carrego com este maldito; se não estivesse eu aqui na presença de Vossas mercês eu lhe prometo de me vingar delles.

O dono deste Palacio era hum Fidalgo, e governa-

dor de Santarem que costumava passear todas as noites pelas ruas para examinar o que se passava, o qual ficou sumamente admirado ouvindo as palavras do mariola. Tinha sahido com hum seu escravo, e encontrando ao pescador lhe perguntou onde hia? Eu vou (respondeo o pescador) retirar as redes das minhas pesqueiras, que desde pela manhã estão no Tejo. E que farás tu ao peixe: lhe disse o Governador. Pela manhã (disse o pescador) o levarei á Praça a vender pois tenho bem necessidade do dinheiro para sustentar huma casa de gente, que tenho ás minhas costas. Queres tu ajustar aqui comigo esse peixe que estiver nas redes? Respondeo o pescador! De boa vontade meu Senhor. Pois aqui tens dez escudos por toda a pesca que nellas se achar: estás contente? O pescador se espantou de tal generosidade parecia que sonhava, porém guardando o dinheiro na algibeira disse: Senhor se me derão tanto todas as vezes que retiro as minhas redes do rio eu seria muito depressa hum dos mais ricos moradores desta terra. Gostou o Governador desta comparação e cominharam todos para a margem do Tejo: entrarão na pesqueira e retirando as redes ficarão confusos de vêr entre alguns peixes, os dous Corcovados, e hum sacco em que estava o terceiro. Causou este acaso uma grande admiração a todos, principalmente ao pescador, a quem disse o Governador: pois que esta pescaria toda me pertence, ha de ir para minha casa, mas é necessario, que nos ajudeis a leva-la. O pescador, como tinha visto sinais de liberalidade, se offereceo para levar o que pudesse, pegou em Flavio, e Juliano, e os poz ás costas, e o sacco, em que estava Lucrecio, e o mais peixe, levou o escravo. Forão andando para cima, e no caminho encontrarão o referido mariola, que então vinha affugentado da gritaria da cutileira, como já disse.

Porém tornando ao caso, estando todos na dita sala, disse o Governador ao mariola, excitado da curiosidade: homem, refere tudo, o que te tem succedido, que supposto a cutileira te não pagasse o frete eu

te prometto satisfazer por ella. Respondeo o mariola nesta fórma. Conhece v. m. a mulher de um cutileiro, que mora junto á porta do Campo? Pois é a mais fina bruxa, que tem esta terra, pelo trabalho, que a maldita velha me tem dado esta noite. Esta pois me veio procurar á minha pouzada, e me escolheo entre seis camaradas, que juntos estavamos: chamou-me, e me disse, que me queria fazer uma boa conveniencia. A apparencia do frete me motivou a segui-la; fui atraz della até a sua casa, onde entrei, e para segurar-me mais me deu um bom copo de vinho, que depois me perturbou alguma cousa os sentidos. Quando já me vio balbuciente, me disse, que um pequeno Corcovado entrando em sua casa a comprar obra da sua loja, morrera repentinamente dentro della, e temendo que a Justiça lhe dêsse algum castigo, me daria seis escudos, se o fosse lançar no Tejo. Com o interesse da promessa, meti logo o Corcovado no sacco, e executadas suas disposições, vim para receber o ajustado, porém ella me mostrou logo o mesmo Corcovado. Fiquei confuso, porém tornei a mette-lo no sacco, e o fui lançar no mais rapido de sua corrente. Vinha já muito contente para casa da tal bruxa, quando encontrei outra vez o diabo do Corcunda com uma lanterna na mão: eu cançado já de tantas burlas, peguei nelle em corpo, e alma e com grande raiva o meti no sacco, e atando-lhe bem a boca o lancei com sacco, e tudo terceira vez no rio. Fui a casa da cutileira, e lhe contei, o que tinha passado com o Corcunda; mas ella em lugar de me pagar o frete, começou com gritos ameaçando-me com a Justiça, dizendo, que tinha affogado seu marido, e fez tal ruido, que por vir acodindo toda a vizinhança, não tive melhor fortuna, que fugir, e depois encontrei logo a Vossas mercês.

Ainda que o Governador não pôde penetrar o fundo desta historia, teve tão grande gosto na relação do mariola, como se fosse uma graciosa Comedia. Examinou-se de mais perto os tres Corcovados, e porque

Conhecerão nelles alguns sinaes de vida, se mandou promptamente chamar Medicos, os quaes vierão logo, e applicando-lhes alguns espiritos, e varios remedios, em pouco mais de meia hora se acharão todos tres em seus sentidos. Jámais pessoa alguma no mundo ficou tão admirada, do que esteve Lucrecio com a vista de seus irmãos Flavio, e Juliano, que sentados sobre uma cadeira estavam. Abria muito os olhos, e fazia especiaes movimentos com a boca, por não poder comprehender, como se achava com elles em lugar tão desconhecido. Mandou, que em aposentos diversos os deitassem na cama, depois que comessem alguma cousa, e fecha-los á chave. Despedido o pescador, se passou ordem, que detivessem o mariola, e que logo pela manhã prendessem a cutileira. Mandou tambem, que promptamente se fizessem dous vestidos semelhantes, ao que trazia Lucrecio: tudo se fez como o Governador determinou. Vestirão-se os tres Corcovados, e se mandarão pôr em tres portas differentes, correspondentes a uma sala de Palacio, dando ordem, que não sahisses a ella, sem que primeiro o determinassem com um certo sinal.

Chegou a cutileira á presença do Governador, que já estava sentado em uma magnifica cadeira na dita sala. Perguntou-lhe o que tinha passado entre ella, e o mariola, a qual confessou tudo, sem occultar nada da verdade, dando juntamente muitas mostras de sentimento pela perda de seu marido. Disse o Governador: como é possível que estes Corcovados se pareçam tanto uns com os outros, que o mariola se enganasse? Ai, senhor! (respondeo a mulher.) Elle estava quasi bebado, quando lhe dei essa commissão, de mais disse meu marido e seus irmãos erão em tudo tão parecidos que se os vestissem de uma mesma fórma, póde ser, que eu os não pudesse distinguir. No mesmo instante fez o Governador o sinal, e sahindo os tres Corcovados, ficou a cutileira espantada de os vêr. Oh meu Deos, (disse ella) que prodigio é este! Quando se vio resuscitarem os mortos? He certo o que vejo, ou é sonho? Não te en-

ganas (disse o Governador) destes tres Corcovados, um é teu marido, e os dous teus cunhados; agora reconhece tu, o que te pertence; olha bem para todos tres, e mando, que sobpena de morte nenhum delles diga cousa alguma. A mulher admirada summamente os examinou um por um, e não pôde conhecer a seu marido. Mandou o Governador, que Lucrecio viesse abraçar sua mulher, porém ficou suspenso, vendo saltar todos tres ao mesmo tempo no pescoço da cutileira, e asseverar cada um ser seu marido.

Flavio, e Juliano não ignoravão, que estavam na presença do Soberano daquela terra, e ainda que conhecião o grande respeito, que lhe devião ter, pensavão que por nenhum caminho se podião vingar da mulher de Lucrecio, do que fazendo-se cada um passar por elle. Lucrecio se poz mui colerico, e os dous Corcovados se obstinárão em tirar-lhe o nome. Ria muito o Governador, e mais circumstantes, vendo a boa contextura dos tres Corcovados, porém depois, com alguma severidade lhe disse: pôde ser, que não haja tanta profia entre vós, sabendo, que a razão porque quero conhecer Lucrecio é sómente para castigar a dureza, com que tratou seus irmãos, e prohibir a sua mulher admitir-vos em sua casa, sendo homem com possibilidade para poder fazer bem. Estas palavras forão ditas com tal soberania, que Flavio, e Juliano cessarão logo da porfia, em que estavam, e disserão. Nenhum de nós é Lucrecio, este é o tyranno, que nos não quiz em sua casa; e se quereis castigar (apontando para elle) a sua impiedade, nelle se execute, pois bem o merece.

O Governador olhando para Lucrecio, o vio em uma grande confusão, o qual com voz balbuciente, disse estas palavras: senhor, todo o castigo, que me mandares dar, confesso, que sou merecedor delle; porque sendo eu a causa do desterro de meus irmãos, fui tão tyranno para elles, que os não quiz em minha casa: eu os devia fazer participantes das minhas venturas, já que o tinham sido das minhas adversidades; porém só

um sincero arrependimento póde conseguir o perdão; eu effereço de boa vontade repartir com elles todos os meus bens, que tenho adquirido nesta terra. O Governador, que não tinha animo de tratar mal a Lucrecio, ficou mui satisfeito vendo-o com similhante disposição, perdoou-lhe, e pelo regozijo, que lhe tinha dado Juliano, e Flavio, mandou pôr um Edital na Praça de Santarem, que havendo duas donzellas, que quizessem casar com dous Corcovados, daria a cada um dez mil pezos de ouro. Acharão-se mais de trinta, que todas imaginarão ser mui ditosas em achar um dote tão consideravel; porém Flavio, e Juliano, escolhendo entre ellas as que melhor lhes parecerão, fizeram seus desposorios, e receberão o dote, ficando todos na companhia de seu irmão Lucrecio o restante da sua vida.

FIM.

---

Vende-se na Loja de Costa Sanches, Travessa da Victoria n.º 50, e os seguintes: Magalona. — Imperatriz Porcina. — Donzella Theodora. — D. Francisca do Algarve. — Roberto do Diabo. — João de Calais. — Carlos Magno. — Marquez de Mantua. — Infante D. Pedro que vizitou os Lugares Santos. — Acto da Paixão. — Malicia das Mulheres. — Testamento de Manoel Braz. —

#### ENTREMEZES.

Doutor Sovina. — Desputa das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher, por não querer deitar uns fundilhos n'uns calções velhos. — Mestra abelha. — Juiz novo das Borracheiras. — Barbeiro pobre. — Velho namorado. — Castanheira. — Raras astucias de amor. — Dous Mentirosos. — Namorar por moda nova. — Girias das Moças para cazarem. — Esganarelo. — Gallego Lorpa. — Farça de Manoel Mendes. — Tragedia de D. Ignez. — Bertoldo 3 partes. — Grammatica Portugueza de Lobato. — Catecismo de Montpellier. — Cathecismo pequeno. — Cartilhas. — Relicario. — Manual da Missa. — Visitas ao Santissimo. — Novena de Santa Rita. — Cartas, e Taboadas.

